

## TORTURA E REPRESSÃO NA DITADURA MILITAR<sup>1</sup>

**Waleska Londero De Lima<sup>2</sup>, Joana Laís Valente Carneiro<sup>3</sup>, Telmo Farias De Souza<sup>4</sup>.**

<sup>1</sup> Pesquisa realizada em sala de aula e apresentada na Jornada de Pesquisa literária da EFA

<sup>2</sup> Autor

<sup>3</sup> Coautora

<sup>4</sup> Orientador

A repressão teve início mesmo antes de a ditadura se instalar por completo no país, em 1964. Na ditadura militar, o objetivo era de proteger o Brasil da ameaça comunista, que para manter seus princípios, calou, torturou e matou sem o menor constrangimento, centenas de brasileiros. Este período foi marcado pela violência, pela força bruta, criando o medo na população e impedindo a participação do povo nas decisões. O povo era obrigado a aceitar e lutar pelo seu regime militar, caso contrário, seria taxado como ameaça, sendo exposto a torturas. O século XX ficou marcado como o século dos genocídios (assassinatos motivados por diferenças étnicas, nacionais, raciais, religiosas e políticas). A presença de regimes opressivos e totalitários, que se mantiveram através da força bruta, originaram os métodos científicos de tortura. A tortura foi uma forma que se desenvolveu para extrair depoimentos de opositores, intimidar a população e consolidar os governos ilegítimos, construídos sem a participação ou o consentimento popular. Em plena Guerra Fria, a elite brasileira posicionou-se do lado dos Estados Unidos e da direita ideológica. Ser comunista passou a ser terrorista.

No Brasil, a tortura foi costume nos dois maiores períodos ditatoriais que o país viveu, na época do Estado Novo (1937-1945) e do regime militar (1964-1985). A primeira vítima de tortura foi o líder camponês e comunista Gregório Bezerra.

Os métodos de tortura criados recebiam diversos nomes simbólicos, entre eles, os mais comuns registrados e confirmados são:

**Pau-de-Arara** – O preso era posto nu, abraçando os joelhos e com os pés e as mãos amarradas. Uma barra de ferro era atravessada entre os punhos e os joelhos. Nesta posição a vítima era pendurada entre dois cavaletes, ficando a alguns centímetros do chão. A posição causava dores e atozes no corpo. O preso ainda sofria choques elétricos, pancadas e queimaduras com cigarro. Este método de tortura já existia na época da escravidão, sendo utilizado em várias fases sombrias da história do Brasil.

**Cadeira do Dragão** – Os presos eram sentados nus em uma cadeira elétrica, revestida de zinco, ligada a terminais elétricos. Uma vez ligado, o zinco do aparelho transmitia choques a todo o corpo do supliciado. Os torturadores complementavam o mecanismo enfiando um balde de metal na cabeça da vítima, aplicando-lhe choques mais intensos.

**Choques Elétricos** – O torturador usava um magneto de telefone, acionado por uma manivela, conforme a velocidade imprimida, a descarga elétrica podia ser de maior ou menor intensidade. Os choques elétricos eram deferidos na cabeça, nos membros superiores e inferiores e nos órgãos genitais, causando queimaduras e convulsões, fazendo muitas vezes, o preso morder a própria língua. As máquinas usadas nesse método de tortura eram chamadas de “maricota” ou “pimentinha”.

**Modalidade do trabalho:** Relatório Técnico-científico

Balé no Pedregulho – O preso era posto nu e descalço em local com temperatura abaixo de zero, sob um chuveiro gelado, tendo no piso pedregulhos com pontas agudas, que perfuravam os pés da vítima. A tendência do torturado era pular sobre os pedregulhos, como se dançasse, tentando aliviar a dor.

Telefone – Entre as várias formas de agressões que eram usadas, uma das mais cruéis era o vulgarmente conhecido como “telefone”. Com as duas mãos em posição côncava, o torturador, a um só tempo, aplicava um golpe violento nos ouvidos da vítima. O impacto era tão violento, que rompia os tímpanos do torturado, fazendo-o perder a audição.

Afogamento na Calda da Verdade – A cabeça do torturado era mergulhada em um tambor, balde ou tanque cheio de água, urina, fezes e outros detritos. A nuca do preso era forçada para baixo, até o limite do afogamento na “calda da verdade”. Após o mergulho, a vítima ficava sem tomar banho vários dias, até que o seu cheiro ficasse insuportável. O método consistia em destruir toda a auto-estima do torturado.

Afogamento com Capuz – A cabeça do preso era encapuzada e afundada em córregos ou tambores de águas paradas e apodrecidas. O prisioneiro ao tentar respirar, tinha o capuz molhado a introduzir-se nas suas narinas, levando-o a perder o fôlego, produzindo um terrível mal-estar. Outra forma de afogamento consistia nos torturadores fecharem as narinas do preso, pondo-lhe, ao mesmo tempo, uma mangueira ou um tubo de borracha dentro da boca, obrigando-o a engolir água.

Mamadeira de Subversivo – Era introduzido na boca do preso um gargalo de garrafa, cheia de urina quente, normalmente quando o preso estava pendurado no pau-de-arara. Usando uma estopa, os torturadores comprimiam a boca do preso, obrigando-o a engolir a urina.

Soro da Verdade – Era injetado no preso pentotal sódico, uma droga que produz sonolência e reduz as inibições. Sob os efeitos do “soro da verdade”, o preso contava coisas que sóbrio não falaria. De efeito duvidoso, a droga pode matar.

Massagem – O preso era encapuzado e algemado, o torturador fazia-lhe uma violenta massagem nos nervos mais sensíveis do corpo, deixando-o totalmente paralisado por alguns minutos. Violentas dores levavam o preso ao desespero.

Geladeira – O preso era posto nu em uma cela pequena e baixa, sendo impedidos de ficar de pé. Os torturadores alternavam o sistema de refrigeração, que ia do frio extremo ao calor exacerbado, enquanto alto-falantes emitiam sons irritantes. A tortura na “geladeira” prolongava-se por vários dias, ficando ali o preso sem água ou comida.

As mulheres, além de sofrer as mesmas torturas, eram estupradas e submetidas a realizar as fantasias sexuais dos torturadores.

Durante o período da ditadura militar, o povo brasileiro foi excluído do direito de participar da vida nacional. Através da força bruta, refletida na tortura, criou-se o medo na população.

Na violação dos direitos humanos, americanos ensinavam aos policiais brasileiros a sequestrarem mendigos, e neles desenvolverem métodos eficazes de tortura, que seriam usados nos inimigos do regime.

No período mais intenso da tortura militar, no início da década de setenta, os brasileiros foram ideologicamente divididos pelo governo em dois grupos: o grupo dos “verdadeiros cidadãos” e o grupo dos “inimigos internos”.



**Modalidade do trabalho:** Relatório Técnico-científico

Não se sabe ao certo a data final dos métodos de tortura, existindo interpretações que o encerram: 1985 com a eleição de Tancredo/Sarney, 1988 com a nova Constituição democrática, e ainda 1990 com a eleição direta do 1º presidente desde 1964 (Fernando Collor).

A expressão "regime militar" é questionada até hoje, já que houve muito apoio na sociedade civil e se os militares foram de fato dominantes, nunca prescindiram totalmente dos civis. O período da ditadura foi muito cruel com aqueles que possuíam idéias opostas as do governo, pensar diferente era um crime, que recebeu uma das mais dolorosas punições, marcando a vida das vítimas e de suas famílias para sempre.